

Os jovens no cotidiano escolar em uma periferia de Porto Alegre

Por Tanise Baptista de Medeiros

O presente trabalho trata de relato de experiência de prática docente realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino na periferia de Porto Alegre, com jovens de Ensino Médio. Traz reflexões suscitadas a partir da prática de ensino, evidenciando questões como o ser jovem na periferia, culturas juvenis, projetos de vida, os jovens e suas relações com os saberes. Numa perspectiva de desnaturalização do espaço escolar e das práticas de ensino e aprendizagem, busca-se trazer a tona o jovem como agente no Ensino Médio, num contexto local marcado por ocupações estudantis, greve de docentes e precarização do ensino público, além dos atravessamentos do cotidiano da comunidade onde a escola está inserida.

Introdução

Refletir acerca da prática pedagógica requer desnaturalizar relações preestabelecidas, olhar com novidade a estrutura institucional escolar e contextualizar tal prática em seu determinado tempo e espaço. A breve experiência de docência ao qual emerge o presente texto é um momento na tentativa de compreender o espaço pedagógico escolar atual. Ocorre numa escola da rede pública estadual de ensino na periferia de Porto Alegre, com turmas de Ensino Médio, num momento de extrema precariedade das condições de ensino na rede, greve dos docentes e ocupações estudantis. Aliados a isso, o cotidiano de um complexo de comunidades, marcado territorialmente pela violência estrutural, pela negação de direitos básicos à população, tráfico de drogas, reivindicações por segurança.

Este relato constrói-se a partir da prática temporária de estágio docente em uma escola estadual localizada no bairro Cristal (Porto Alegre), com uma turma de 3º ano do Ensino Médio, no período regular na dis

¹ Graduanda em Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: tani_medeiros@yahoo.com.br

ciplina intitulada Seminário Integrado, proposta constituída através da reestruturação curricular do Ensino Médio pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 2012. O estágio contou com orientação da Instituição

Superior de Ensino, através da Prof^a Carla Meinerz, além de supervisão da professora regente da turma, Valéska Garbinatto. Este trabalho caracteriza-se como uma reflexão a partir de tal prática, tendo sido apresentado como trabalho de conclusão da disciplina, e tem como objetivo refletir acerca do espaço escolar e das relações que aí se constroem em meio aos atravessamentos de seu cotidiano. Além disso, visa problematizar o “ser jovem” neste contexto, para além da categoria predeterminada de aluno, tentando compreender suas expressões culturais, suas formas de manifestar-se, de relacionar-se com os diferentes saberes e construir conhecimentos.

Para tal reflexão, é necessário inicialmente compreender a categoria de “aluno” como construção histórica e social, e não um conceito dado. Como afirma Bernard Charlot, “(...) o aluno também é um indivíduo preso a relações sociais mais amplas que as interações em dada situação” (CHARLOT, 1996, p. 50), ou seja, para além da denominação que categoricamente o intitulamos, aluno, há uma gama de relações sociais, políticas, econômicas, de cunho individual e coletivo, que muitas vezes não são levadas em consideração na relação de aprendizagem.

“É a articulação de histórias singulares e de relações sociais, de situações escolares e de mobilizações familiares e sociais, da questão do saber e das relações sociais, que a noção de relação com o saber tenta passar. (...) A relação com a escola e com o saber é uma relação de sentido engendrada e alimentada pelos móveis que se enraízam na vida individual e social (...). Se a teoria esquece que a relação com o saber lança suas raízes no social, ela sucumbe à ingenuidade 'meritocrática'.” (CHARLOT, 1996, p. 50)

No presente artigo enfatiza-se a necessidade de compreendermos, para além do aluno, o jovem, os jovens, as juventudes presentes na escola, através de suas especificidades, culturas distintas, heterogeneidades, tempos, espaços, saberes, modos de aprender. Há uma ampla gama de referências no debate acerca da relação juventude e educação desde o início do século XXI quando se produz uma maior reflexão acerca da juventude brasileira num cenário de implementação de polí-

O jovem e a (na) periferia

Os jovens aos quais vivenciei a prática docente são em sua maioria moradores do bairro, numa idade entre 16 e 19 anos, negros, com experiências atuais ou anteriores de trabalho. A relação que estabelecem com a comunidade ao qual fazem parte, ao mesmo tempo que relatam compreender sua realidade e as relações que se estabelecem nela, a menosprezam, no sentido de identificar o espaço com a precariedade e o estigma de ser morador de periferia, o qual foi construído historicamente pelos processos de formação dos bairros em Porto Alegre, que estão ligados a remoções das populações mais pobres para áreas sem infraestrutura. Segundo Carla Meinerz:

“Analisando a história da formação dos bairros de Porto Alegre, observamos claramente o movimento das populações mais pobres em direção à periferia, quando das intervenções urbanísticas na cidade, formando grandes cinturões de miséria e favelas, instalados, sem condições básicas como água, luz e serviços sanitários. Seguindo a lógica do capital, a cidade não é produzida para todos e cresce conforme os interesses do mercado. Os investimentos em obras urbanísticas e nos sistema viário vão demolindo velhos casarios de valor histórico, assim como moradias mais pobres de populações que vivem em áreas de interesse especulativo. O urbano configura-se como espaço de representação, do simbólico, da formação de um novo campo de poder, surgido num determinado momento histórico, de desenvolvimentos dos ideais capitalistas e burgueses.” (MEINERZ, 2009, p. 55)

Assim, os jovens pouco assumem a identidade de moradores do bairro, pois a estigmatização da região é reforçada cotidianamente pela mídia, enfatizando os aspectos negativos da região, como a precariedade, a violência, o tráfico. Embora imersos em tal estigma, demonstram uma forte relação com o espaço, e como afirma Dayrell, constroem suas próprias territorialidades:

“Um exemplo claro é o sentido que os jovens atribuem ao lugar onde vivem. Para eles, a periferia não se reduz a um espaço de carência de equipamentos públicos básicos ou mesmo da violência, ambos reais. Muito menos aparece apenas como o espaço funcional

de residência, mas surge como um lugar de interações afetivas e simbólicas, carregado de sentidos. Pode-se ver isso no sentido que atribuem à rua, às praças, aos bares da esquina, que se tornam, como vimos anteriormente, o lugar privilegiado da sociabilidade ou, mesmo, o palco para a expressão da cultura que elaboram, numa reinvenção do espaço. Podemos dizer que esses jovens produzem territorialidades transitórias, afirmando por meio delas o seu lugar numa cidade que os exclui.” (DAYRELL, p. 1112)

Diante de tal realidade, é necessário compreender a escola no meio desse contexto, não apenas em suas demandas atuais específicas, mas em sua relação com a comunidade da qual faz parte. Uma cena que se tornou frequente e nos serve como analisador para tal compreensão é o fechamento da escola por falta de segurança em dias de acirramento das disputas entre grupos do tráfico. “Hoje o negócio tá brabo, vai ser difícil eles descerem pra virem pra escola. Ontem a brigada mandou fechar, os pequenos vão sair mais cedo, porque ontem o tiroteio foi por volta das 17h. (...) A escola vai ficar fechada até o final da semana, vamos ver se semana que vem fica mais tranquilo.” (relato da professora titular da turma) Além de lidar com as demandas recorrentes da área da educação na escola (greve dos docentes, não repasse de recursos, falta de professores), há uma mobilização maior por parte da escola acerca das questões de segurança, e os próprios alunos contribuem na mobilização.

Para pensar o que hoje mobiliza os jovens nesta comunidade, é necessário trazer presente o momento vivenciado na rede pública estadual de ensino de ocupações das escolas por parte dos estudantes secundaristas. A escola em questão está na lista das escolas não ocupadas, e ao tratar desta temática em sala de aula com os alunos, eles demonstram certo distanciamento e receio quanto a validade das mobilizações na cidade. Eles mesmos veem seus pares (jovens estudantes secundaristas) como “playboys” e ressaltam que as escolas ocupadas estão localizadas nas áreas mais centrais da cidade: “Mas esses que tão ocupando são tudo boy professora...ocupação aqui é lá na vila (...) Imagina, se a gente fosse ocupar aqui teria que vir com colete a prova de balas de noite” (jovem aluno do 3º ano), “Aqui ninguém tem amor ao próximo não.” (jovem aluna do 3ª ano). Nas falas fica evidente a diferenciação que fazem a partir da questão territorial, o que diz muito não apenas acerca de questões materiais mas também simbólicas, culturais. Ser jovem na periferia é diferente do ser jovem em bairros mais centrais da cidade. Além disso, no debate acerca das ocupações estudantis, em suas falas podemos perceber uma certa descrença nas possibilidades de mudança, e na solidariedade, o que é analisado por Dayrell em seus trabalhos sobre ju-

ventude e escola, como uma resposta ao descaso e violência sofridas nestas comunidades.

“As discussões, brigas e até mesmo atos de vandalismo e delinquência, presentes entre os jovens, não podem ser dissociados da violência mais geral e multifacetada que permeia a sociedade brasileira, expressão do descontentamento dos jovens diante de uma ordem social injusta, de uma descrença política e de um esgarçamento dos laços de solidariedade, entre outros fatores.” (p. 1111)

Culturas juvenis: o rap e o funk na produção de conhecimento

É comum hoje jovens com fones de ouvido durante as aulas. A música é presença constante na vida dos jovens e diz muito das suas formas de expressão, seus gostos. A escola ainda não consegue dar conta de trazer para seu cotidiano algo tão inerente às culturas juvenis e, na maioria das vezes, a proíbe engrossando a lista de proibições no espaço escolar. Segundo Dayrell

“a música é a atividade que mais os envolve e os mobiliza. Muitos deles deixam de ser simples fruidores e passam também a ser produtores, formando grupos musicais das mais diversas tendências, compondo, apresentando-se em festas e eventos, criando novas formas de mobilizar os recursos culturais da sociedade atual além da lógica estreita do mercado.” (p. 119)

Dentre os jovens que convivi durante esta prática pedagógica, quando questionados acerca de seus gostos musicais, é recorrente o funk e o rap. Ao invés de negar ou proibir tal manifestação por parte dos alunos, trazer esta prática cultural para o cotidiano escolar favorece uma maior apropriação dos conceitos estudados, maior aproximação da realidade dos estudantes, fazendo com que se sintam contemplados e motivados quando trazem para a sala de aula as músicas que escutam, os sons que fazem parte do seu cotidiano. A música, utilizada em sala de aula, como ferramenta didática, ilustração, disparador para debates, ou até mesmo fonte histórica, possibilita um maior diálogo entre professor/a e aluno/a e exige por parte do/a professor/a um maior desprendimento do saber dito for-

mal para a construção de um conhecimento que parta da realidade juvenil. Dayrell enfatiza o jovem como ser de múltiplas culturas

“Esse jovem tem acesso a múltiplas referências culturais, constituindo um conjunto heterogêneo de redes de significado que são articuladas e adquirem sentido na sua ação cotidiana. Assim, ele interpreta a sua posição social, dá um sentido ao conjunto das experiências que vivencia, faz escolhas, age na sua realidade: a forma como ele se constrói e é construído socialmente, como se representa como sujeito, é fruto desses múltiplos processos.” (p. 121)

As escolhas pelo funk e pelo rap não são simples questões de gosto, mas fazem parte das raízes históricas e culturais:

“Esses dois estilos possuem uma mesma origem – a música negra americana –, que incorporou a sonoridade africana, baseada no ritmo e na tradição orais. Eles são herdeiros diretos do soul que, depois de ser a trilha sonora dos movimentos civis americanos da década de 1960 e um símbolo da consciência negra, perdeu essas características revolucionárias com a sua massificação. (...) o rap aparece como um gênero musical que articula a tradição ancestral africana com a moderna tecnologia, produzindo um discurso de denúncia da injustiça e da opressão a partir do seu enraizamento nos guetos negros urbanos.” (DAYRELL, 2002, p. 126)

O uso do rap para o ensino de História numa turma de 3º foi realizado dentro de um planejamento geral cujo objetivo era explorar os conceitos de ditadura e democracia, refletindo a cerca das continuidades e rupturas da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Uma das aulas realizadas iniciou-se com a construção de duas listas pelos alunos, uma com características que eles associavam à palavra ditadura, e outra à palavra democracia. Após isso, foi feita a audição e a leitura da letra da música “Amarildos” do rapper Davi Perez. A letra desta música feita nos dias atuais remete a elementos constitutivos do aparato repressivo ditatorial no Brasil:

“Já não bastava a exclusão de toda a riqueza
Agora além de vazia, falta um lugar à mesa
Desce a comunidade rumo ao Doi-Codi
Fleury não morreu, só deixou crescer o bigode
Por que o senhor tirou em mim? Pergunta boa
só na favela a trava não trava e o tiro ecoa.”
(Da vi Perez)

Após a audição da música foram levantadas

questões aos alunos como: quais palavras presentes na letra remetem à ditadura ou democracia? Qual a relação que o compositor desta letra está fazendo entre o período ditatorial e os dias atuais? Vocês concordam com estas relações? Quais outras relações poderiam ser feitas? Após diversas reflexões levantadas pelos alunos, foi ressaltado a importância de percebermos o impacto da Ditadura na constituição de nosso país, e também elementos específicos de cada período, sem incorrer num simples paralelo entre regimes.

A utilização das letras do rap atual contribuíram muito para a compreensão da realidade dos jovens com os quais vivenciei esta prática e foi decisivo nas relações que estabelecemos. Os estudantes problematizaram suas realidades, compreender melhor os processos vividos na História do Brasil contemporâneo, além de pensar acerca das relações que se estabelecem na periferia hoje.

Ensino médio, projetos de vida e as relações com os saberes

No início da prática educativa, com o objetivo de conhecer melhor os alunos com os quais iniciaria a prática de estágio, realizei a eles alguns questionamentos acerca das suas motivações para cursar o Ensino Médio e seus projetos após a conclusão. Nas respostas para a pergunta “Por que está cursando o Ensino Médio?” é recorrente frases como: “para ser alguém na vida”, “para ter um futuro melhor”, “para ser uma pessoa melhor” ou “para adquirir as coisas que eu quero”. Tais respostas suscitam indagações acerca de qual o sentido do Ensino Médio para os jovens, e reflete o que Bernard Charlot escreve: “Os jovens dos meios populares pensam a escola em termos de futuro mais do que de saber.” (CHARLOT, 1996, p. 47)

A noção do futuro, do esperar a “vida de verdade” que surgirá depois da conclusão do Ensino Médio está relacionado também à própria noção da educação como preparação para o futuro, para o mercado de trabalho, para a vida adulta. Tal concepção de ensino é reafirmada constantemente pela instituição escolar, seja formalmente através dos planos políticos pedagógicos, diretrizes curriculares, políticas educacionais, ou na prática cotidiana de professores que tratam os jovens como seres inacabados, inaptos para a vivência do presente, e incapazes de refletir e construir seus próprios projetos, fazendo com que o aluno não

seja compreendido como um ser social

“Imerso nessa visão estreita da educação, dos processos educativos, do seu papel como educador e sobretudo do aluno, o professor não percebe a dimensão do conjunto das relações que se estabelecem ali na sua frente, na sala de aula. Deixa, assim, de potencializar a aprendizagem, já em curso, de uma das dimensões humanas, ou seja, do grupo, das relações sociais e seus conflitos.” (DAYRELL, 1996, p. 21)

Quando questionados acerca de “o que fazer depois do Ensino Médio?”, para muitos aparecem a opção de cursar o Ensino Superior, embora o acesso às instituições públicas de ensino não se coloquem em suas perspectivas, visto que a primeira barreira para tal projeção é o acesso à informação. Além disso, para estes jovens, poucas de suas relações chegaram a cursar o ensino superior, e por vezes reforçam a ideia que isso é algo improvável para um jovem estudante de escola pública, morador de periferia.

Para a grande maioria dos estudantes o curso técnico aparece como opção mais fácil e rápida de acessar o mundo do trabalho, apesar de muitos deles já estarem realizando atividades de trabalho remunerado. Bernard Charlot afirma que “(...) numa sociedade em que predomina o assalariado e em que o acesso aos empregos depende em grande medida do nível escolar alcançado, é realista esperar da escola uma boa profissão e uma bela vida.” (CHARLOT, 1996, p. 55)

Dayrell reflete acerca da questão do trabalho no universo juvenil:

“Como evidenciam inúmeras pesquisas, o trabalho juvenil não pode ser compreendido apenas pelo contexto de pobreza em que vivem os jovens. Aparece também como condição para maior autonomia e liberdade em relação à família, pela possibilidade do consumo de bens e pela garantia de um mínimo de lazer, enfim, é o trabalho que possibilita a vivência da própria condição juvenil. (...) Dessa forma, o mundo do trabalho não lhes aparece como um espaço de escolhas, ao contrário, nenhum deles gosta do que faz, não vendo nessas atividades nenhuma centralidade além da renda.” (DAYRELL, 2002, p. 122)

A educação para estes jovens parece, na maioria das vezes, ser uma obrigação para o cumprimento de uma etapa da vida e prosseguimento de outra. A relação que estabelecem com os saberes por vezes restringe-se a absorver o conhecimento já pronto, acabado, fazendo com que haja poucas possibilidades de se reconhecerem como construtores de novos co-

nhecimentos. Porém tal relação é algo que persiste hegemonicamente na instituição escolar desde sua fundação, fazendo com que as relações, os conhecimentos, o papel de alunos e professores sejam naturalizados. Naturaliza-se também o papel da escola na vida destes jovens, e o que estes devem fazer após a conclusão do Ensino Médio, pouco se reconhece o jovem como protagonista no processo de aprendizagem, no espaço escolar, nas suas vidas.

Referências bibliográficas

CHARLOT, Bernard. *A relação com o saber e com a escola entre estudantes de periferia*. Cad. Pesq., São Paulo, n 97, p. 47-63, maio 1996.

DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sociocultural*. In: DAYRELL, J. (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

_____. *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

_____. *O rap e o funk na socialização da juventude*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

FONSECA, Cláudia. *Preparando-se para a vida: reflexões sobre a escola e adolescência em grupos populares*. Em Aberto, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994.

MEINERZ, Carla Beatriz. *Adolescentes do pátio: outra maneira de viver a escola*. Porto Alegre: Ed. UniRitter, 2009.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando; GIL, Carmel Zeli; MEINERZ, Carla. *Docência em História: implicações das novas disposições curriculares do ensino médio*. Rev. Bras. Estud. pedag., Brasília, v. 95, n. 239, p. 152-174, jan./abr. 2014.